

Infelizmente, à primeira ‘porrada da boneca’ foi tudo por ali dentro. Foi-se a merda, foi-se a boneca e foi-se a retrete. Mas ficou desentupida!

27 de Fevereiro de 1962

Afinal somos informados que seremos nós a seguir para a Aguada. A ideia entristece-nos, por termos que deixar todos os amigos que aqui fizemos, mas temos que arranjar coragem para nova provação. Passamos o resto do dia a arranjar a nossa pobre bagagem, e pela tarde recebemos um petisco que foi mandado pelo Baba Duarte, com o qual fazemos um ‘lauto’ jantar de despedida onde só faltou pão e vinho!

Por fim, cansados de uma tão desusada tarefa adormecemos.

28 de Fevereiro de 1962

Sáimos de manhã, em camionetas, numa viagem sem incidentes e sem muito interesse até Pangim. Deixam-nos no Cais de Júpiter, junto ao Comando da Polícia, enquanto as viaturas passam o Mandovi nos ferries. São 11.00 da manhã. Em cinco minutos metade da cidade está perto de nós, oferecendo cigarros, doces e outros presentes. O momento é de grande comoção e recolhimento. Os soldados e sargentos indianos que nos escoltam estão perplexos, enquanto a multidão vai carinhosamente encurtando a distância que a separa de nós. Os da escolta usam a força, afastando as pessoas à coronhada. O espectáculo é de difícil interpretação para todos os que nele entram e nunca mais o vou esquecer!

Mas entretanto passa um brigadeiro indiano que dá ordens para embarcarmos imediatamente na tentativa de pôr ponto final a um ‘show’ que lhe saíra ao contrário. Ainda hoje penso que só a presença das espingardas e metralhadoras dos soldados indianos impediu que se soltassem os aplausos!³²

³² Creio que a Ângela, que tem uma identidade goesa, e é produto da bela escrita de Carmo D’Souza, estaria entre os que nos viram, naquela manhã, no Cais de Júpiter. Onde, ao contrário do que contou ao pai, D. Manuel, nem estávamos envergonhados nem tapámos a cara! Mas isso fica para mais tarde.